

## DIZERES SOBRE O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL: ACONTECIMENTO E RECEPÇÃO NA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA BRASILEIRA

Marco Antonio Almeida Ruiz \*  
Lígia Mara Boin Menossi de Araújo \*\*

**Resumo:** O CLG traduz uma mudança de paradigma nos estudos linguísticos do início do século XX. Sua contribuição é tão grande que o consideramos como um acontecimento histórico marcante nas ciências humanas e sociais, capaz de promover o que ficou conhecido como Linguística moderna. Com o advento de novas perspectivas que emergiram após a década de 1960 na França, passamos a compreender o processo de recepção de suas teorias e revisitá-las novamente como acontecimentos discursivos que (re)contam, cada um a sua maneira, narrativas de sua história e (re)formulação. Assim, propomos observar, numa perspectiva discursiva, a constituição do manual *Fundamentos da linguística contemporânea*, de Edward Lopes, como um acontecimento discursivo que produz, a nosso ver, um efeito de didatização da teoria saussuriana durante a emergência da linguística brasileira.

**Palavras-chave:** Acontecimento. Didatização. Curso de Linguística Geral. Manual de linguística.

### SAYING ABOUT THE COURSE IN GENERAL LINGUISTICS: HAPPENING AND RECEPTION IN THE HISTORY OF BRAZILIAN LINGUISTICS

**Abstract:** The CLG translates a paradigm shift in linguistic studies in the early 20th century. Its contribution is so great that we consider it as a remarkable historical event in the human and social sciences, capable of promoting what became known as modern Linguistics. With the advent of new perspectives that emerged after the 1960s in France, we began to understand the process of receiving his theories and revisiting them again as discursive events that (re) tell, each in its own way, narratives of its history and (re) formulation. Thus, we propose to observe, in a discursive perspective, the constitution of the book *Fundamentos da linguística contemporânea* (in Portuguese), by Edward Lopes, as a discursive event that produces, in our view, a didactic effect of Saussurian theory during the emergence of Brazilian linguistics.

**Keywords:** Event. Didatization. General Linguistics Course. Linguistics manual.

### Introdução

Ao tratarmos da Linguística geral, não é possível deixarmos de falar sobre esta figura que revolucionou o cenário intelectual francês a partir do início do século XX, Ferdinand de Saussure. Falar dessa ciência, nos termos saussurianos, significa tratar de questões que envolvem as contribuições teóricas oriundas de seu livro póstumo, o *Curso de Linguística Geral*<sup>1</sup>. Suas ideias, na sua conjuntura histórica de emergência, suscitaram uma verdadeira revolução no desenvolvimento das ciências humanas, principalmente para a Linguística, e contribuíram muito para que se

extrapolassem as margens desse campo, tornando-a como uma “ciência piloto”. De tal forma, “não há um só linguista hoje que não lhe deva algo. Não há uma só teoria geral que não mencione seu nome” (BENVENISTE, 2005, p. 34).

Sua noção de estrutura será bastante difundida no contexto francês com base em suas formulações sobre o sistema linguístico, que se costuma atribuir ao autor o gesto fundador do estruturalismo, pois com o seu pensamento “revolucionário” foi possível (re)pensar o fazer científico nos estudos linguísticos. As teorias “pós-estruturalistas” (ANGERMULLER, 2013), se apoiando ou se desvinculando do mestre de Genebra e seu Curso, ganharam força, o próprio Michel Pêcheux (2014), no seu primeiro momento de estudos (conhecido, tradicionalmente, como a AD-1), refletirá sobre os pressupostos estruturais da língua, numa tentativa de pensar o seu objeto como a base dos processos discursivos. Desse modo, seu projeto epistemológico previa que não era possível desconsiderar o falante da língua e a sua ideologia.

O CLG, à época de sua publicação, em 1916, suscitou diferentes tipos de interesses, críticas, recusas e adesões. Saussure tinha, definitivamente, adquirido um alcance significativo de suas reflexões por meio da obra que o eternizou. Nesse caminho, podemos pensar o seu percurso e recepção na França por meio das diásporas e reunificações promovidas por Michel Pêcheux, precursor da análise do discurso francesa no final dos anos sessenta.

No contexto Europeu, a década de 1960 é considerada como um momento de profundas transformações no campo da Linguística, a partir das novas instâncias e perspectivas teóricas. Muitas das reflexões de Saussure foram retomadas e (re)significadas por meio de diferentes correntes teóricas que surgiram. A análise do discurso (AD) foi uma delas, surge no final dos anos sessenta e, como um de seus objetivos, dedicou-se a investigar a língua<sup>2</sup> por meio da produção de discursos, e como estes adquirem sentido no interior de uma sociedade; movimento esse possível, segundo o autor (PÊCHEUX, 1982), se considerando a(s) ideologia(s) no interior da história. Logo, Michel Pêcheux (1982) afirma que há três momentos temporais importantes responsáveis por contar a história epistemológica da ciência linguística a partir das diásporas e reunificações, são eles: i) a leitura de Saussure nos anos vinte; ii) as suas (re)leituras empreendidas por Benveniste<sup>3</sup> no auge do

movimento estruturalista dos anos sessenta, e, por fim; iii) as (re)leituras produzidas acerca da noção de fala, promovidas por Pêcheux nos anos oitenta.

A primeira diáspora é marcada pelos anos 1920 e 1940, época em que a Linguística vagará pelos diferentes círculos – Praga, Moscou, Copenhagen, Viena, cujo objetivo era promover diferentes leituras e interpretações – logicistas, sociologistas ou psicologistas – das proposições saussurianas. Tais proposições acompanhavam, da mesma forma, as mudanças na História das revoluções e das guerras do século vinte; dois autores se destacaram no período – Trubetzkoy e Jakobson – esse último sendo responsável pela migração das ideias do mestre genebrino das Américas à França.

Já nos anos cinquenta, pode-se dizer que há uma aparente reunificação às ideias do mestre, cujo objetivo fora ligar o seu pensamento ao estruturalismo de Bloomfield, deste a Harris e, por fim, passando pelos primeiros trabalhos de Noam Chomsky. Tínhamos, desse modo, uma “herança do estruturalismo saussuriano [que] parecia se dirigir para suas melhores condições de realização, através da espetacular retomada, no nível sintático, dos fundamentos teóricos que Saussure havia formulado no plano fonológico e morfológico” (PÊCHEUX, 1982, p. 10).

Foi o momento em que a Linguística “matematizou-se”, ou seja, a lógica foi o principal fio condutor para compreender a natureza da linguagem. Movimento esse fomentado pelo desenvolvimento industrial causado pelo pós-guerra e, conseqüentemente, a difusão das novas tecnologias, tais como a computação, a tradução automática, a cibernética etc. Todavia, tal unificação da teoria saussuriana não durou muito tempo, esfacelando-se no início dos anos sessenta sob o efeito de dois processos: o da hegemonia da Gramática Gerativo Transformacional<sup>4</sup>; a (re)leitura de Marx, Freud e Saussure, a *Tríplice Aliança*, operada por Lévi-Strauss, Lacan, Althusser, Foucault, Derrida e Pêcheux. Com efeito, podemos dizer que é nessa conjuntura histórica e epistemológica que a análise do discurso, empreendida por Pêcheux no final dos anos sessenta, surgiu como uma disciplina ou teoria transversal. Nesse mesmo período, no contexto político, o efeito estruturalista das ciências humanas e sociais ultrapassou o quadro universitário e a literatura, por exemplo, tornou-se um lugar de intervenção ideológica. Em 1975, tais efeitos

estruturais acarretaram um esgotamento para a Linguística, configurando um novo dispositivo de embasamentos epistemológicos.

Sob esse novo cenário, o início dos anos oitenta é marcado, definitivamente, por mudanças radicais nas pesquisas linguísticas em que o modelo estrutural à francesa e o chomskismo chegam ao fim. É o tempo de uma larga conscientização de um anti-saussurianismo e anti-chomskismo, “baseado na ideia – simples, porém eficaz – de que a Linguística formal é falaciosa e inútil, e que é mais do que urgente se ocupar de outra coisa” (PÊCHEUX, 1982, p. 13). Caracteriza-se, pois, uma nova diáspora, denominada por Pêcheux (1982) como a “desconstrução das teorias linguísticas”.

Conclui-se que diante desse cenário dos anos oitenta e as novas perspectivas teóricas abertas à AD, o filósofo define que o esgotamento do estruturalismo francês

Coincide por meio de um estranho efeito de deslocamento, ao exato momento em que a América descobre o estruturalismo, a intelectualidade francesa ‘vira a página’, desenvolvendo um ressentimento maciço com relação às teorias, das quais se suspeita de que tenham pretendido falar em nome das massas, produzindo uma longa série de gestos simbólicos ineficazes e performativos políticos infelizes. (PÊCHEUX, 1982, p. 18).

Trata-se, pois, de observar uma nova concepção de “história” aos estudos linguísticos, tais como: a micro-história, a nova história, a história do cotidiano – capazes de olhar não só para o que fazem, mas o que também dizem os sujeitos do cotidiano<sup>5</sup>.

A seu modo, o CLG contribuiu para uma mudança de paradigma nos estudos sobre a língua envolvendo características internas ao seu próprio sistema, isto é, fatores externos a ele, assim como as formas de interação entre os sujeitos foram excluídos de sua observação. Tal movimento, muito difundido nos anos cinquenta, sofreu duras críticas dos intelectuais da época, principalmente na década de setenta e oitenta, períodos de irrupção das chamadas teorias “pós-estruturalistas”<sup>6</sup>.

Diante de tal contexto de produção na Europa, é importante, também, pensarmos e observarmos os desdobramentos teóricos que ocorriam no Brasil a

partir da década de 1960 acerca da teoria saussuriana. Assim, inscritos nos pressupostos teórico-metodológicos da análise do discurso de matriz francesa, perguntamo-nos: como ocorre a recepção de Saussure e seu Curso em nosso país? Da sua obra fundante, o CLG, o que podemos compreender de (d)efeitos de sentidos produzidos em território verde e amarelo? É por meio dessas questões que buscamos construir nosso gesto de leitura sobre sua obra no Brasil a partir da seleção de um manual de linguística brasileiro, *Fundamentos da linguística contemporânea* (2008 [1976]), de Edward Lopes. Essa obra, inscrita num arquivo saussuriano disponível, permite refletirmos, de certo modo, os caminhos que a Linguística tomou em nosso país. Se por um lado, instiga-nos a conhecer as condições de produção desse campo, marcante pela inscrição da Linguística como disciplina nos cursos de Letras entre as décadas de 1960 e 1980; ao mesmo tempo (re)significa, por meio de um ponto de vista, a história da recepção da teoria saussuriana no Brasil, questão essa que conduzirá nossas reflexões neste trabalho.

## **1 Ferdinand de Saussure e o acontecimento na história: relações e consequências**

A publicação do CLG em 1916, polêmica por sinal, é considerada como um grande acontecimento histórico para o campo da Linguística, um momento enunciativo composto de inúmeras discussões e debates. A essa obra introdutória é dada a existência a alguma coisa que não existia antes nos estudos sobre a linguagem e que com o seu surgimento, uma nova forma de estudar a língua estava em evidência, segundo os moldes do século XX. Nesse sentido, a publicação, na esteira de Kuhn (1962)<sup>7</sup>, é considerada como algo “revolucionário”, pois traduz uma mudança de paradigma na história do pensamento linguístico. Ao longo das páginas a seguir, propomos, desse modo, (re)pensar a recepção da teoria saussuriana “língua” e “fala” no Brasil como um acontecimento na história, algo da ordem do memorável capaz de promover distintos efeitos de sentidos gerados pelas suas (re)significações construídas por dizeres outros produzidos em outros contextos e materiais. Ou seja, observamos como certos manuais de linguística brasileiros, como acontecimentos discursivos, (re)significam a teoria saussuriana, esse acontecimento na história, e traduzem, cada um a seu modo, efeitos de sentidos

distintos que (re)contam historicamente sobre esses conceitos e da Linguística em nosso país.

Possenti (2009), em uma de suas considerações sobre a noção de acontecimento, a relaciona aos conceitos de enunciação e história, responsável pelo encontro de uma memória e uma atualidade. Salienta, ainda, que a análise do discurso, por exemplo, não concedeu a essa noção um lugar privilegiado, pois a maioria das pesquisas sobre o tema apontam que o acontecimento fora identificado dentro de um arquivo, em que o repetível e o estrutural eram focados.

Michel Foucault (2008 [1969]) tratou essa noção, tomando-a com o conceito de enunciação. Ou seja, é necessário pensar a questão da história a partir de suas rupturas e descontinuidades, visto por que há a irrupção de discursos e o reencontro com sua totalidade, em que não procurasse em tudo o sentido, mas que buscasse explicar desde um grande fato narrado até os mais pequenos e invisíveis. Para tanto, considerá-la é tomar o acontecimento não no interior de uma série, mas buscar uma ruptura com uma história linear em que se pondera a noção plural de acontecimento.

Em virtude disso, pensar o acontecimento para a AD é refletir na relação que ele tem com a história, não como uma sequência linear ou cronológica, mas, sobretudo, pensá-lo como uma série de variedades narrativas, pontos de vistas, que expliquem, por meio de “novos” acontecimentos, novas enunciações, fatos antes não muito observáveis ou até mesmo esquecidos. Assim, com base nos pressupostos de Foucault (2008 [1969]), pensamos a publicação do *Curso de Linguística Geral* como um acontecimento histórico marcante, responsável pelo início dos desdobramentos, das sendas e veredas da Linguística moderna. É por meio desse acontecimento histórico, na perspectiva foucaultiana, que vimos, também, distintas recepções do mestre em diferentes espaços. Propomos, aqui, perscrutar, brevemente, a recepção entre as décadas de 1960 e 1980 no Brasil e o efeito de sentido gerado a partir da construção teórica montada por um manual de linguística brasileiro, *Fundamentos da linguística contemporânea* (2008 [1976]), de Edward Lopes. Com efeito, tomamos as suas condições de emergência na época, e promovemos um gesto de leitura singular sobre o material, pensando-o como um acontecimento discursivo sobre esse fato marcante na história, o CLG.

Por sua vez, o acontecimento discursivo é considerado por Jacques Guilhaumou (2009) na perspectiva de Foucault (2008 [1969]), na *Arqueologia do saber*, em que a simples inscrição do que é dito como elemento é atestado pelo enunciado. Ele assevera que os enunciados pertencem a uma dispersão arquivista, e considera necessário pensar o arquivo não como um amontoado de documentos fechados, mas sim olhá-lo como algo que participa de um gesto de leitura.

Em virtude disso, (re)pensar a recepção nos manuais de linguística brasileiros é considerar um primeiro gesto de interpretação do autor numa época de profundas transformações sociais e linguísticas em nosso cenário, a década de 1960, quando, por exemplo, observamos a inserção da disciplina *Linguística*, por meio de um decreto federal, nos currículos dos cursos Letras do país. Pensamos, com isso, numa sistematização do pensamento saussuriano, reproduzidos pelos manuais, como um acontecimento discursivo que retoma a história de sua fundação para (res)significá-la por meio desses materiais de divulgação<sup>8</sup>.

Consideramos, pois, que há um conjunto de materiais que se traduzem como acontecimentos discursivos, ou seja, tornam-se um arquivo que representa tudo o que se possa dizer sobre Saussure e seu Curso – ou se pode recuperar sobre as teorias apresentadas pelo mestre e “traduzidas”, ressignificadas, de maneira singular em diferentes materiais, como livros, manuais, artigos, entre outros – e que sintetizam o pensamento saussuriano tal como encontrado no CLG. Mas há mais: além disso, sob esse material, é possível inferirmos que surge, por exemplo, um discurso de que Saussure não considerou a história; de que ele não considerou o sujeito em sua pesquisa. Tudo isso é fruto de leituras particulares, tratados como acontecimentos discursivos, marcado por diferentes vozes, mobilizando a reflexividade da linguagem, isto é, produzindo, ela mesma, seus próprios recursos interpretativos.

A partir disso, consideramos essas narrativas, pontos de vistas criados pelas leituras sobre as teorias saussurianas como acontecimentos discursivos de um acontecimento histórico, e não apenas como reformulações ou novas enunciações do mesmo, isto é, apenas como discursos. Em outras palavras, precisamos (re)pensar as discursividades, ou seja, os discursos postos em funcionamento nos materiais de análise, produzindo efeitos de sentidos distintos. Tais acontecimentos

discursivos são contados por narrativas – narrativas dos acontecimentos – produzidas por diferentes autores que se dedicam na (re)escritura da teoria de Saussure, mas de uma maneira distinta, que buscam, metonimicamente, delimitá-lo e reduzi-lo a um conjunto de conceitos – *língua e fala, sincronia e diacronia, sintagma e paradigma, significante e significado*, respectivamente – além do CLG. Assim, enquanto narrativas do acontecimento, Guilhaumou afirma:

A narrativa do acontecimento relança, então, a ação infinita da interpretação, permite uma abertura máxima das narrações, assimila ação e pensamento, associa o ato e a revelação, torna memorável a vida da heroína e do herói. Introduz-nos no agir político verdadeiro, no sentido em que a ação política é trazida ao julgamento desinteressado da dimensão universal do acontecimento singular, a exemplo de Kant ao julgar com entusiasmo a Revolução Francesa. (GUILHAUMOU, 2009, p. 137).

O acontecimento, segundo o mesmo autor, parte do acontecimento linguístico<sup>9</sup> ao acontecimento discursivo e, deste, à narrativa do acontecimento. Nesse caminho, a recepção brasileira nas décadas de 1960, 1970 e 1980 ocorre por meio desse acontecimento discursivo que irrompe com a publicação dos manuais de linguística que “traduzem”, de certo modo, o pensamento saussuriano do Curso e (re)contam, a sua maneira, narrativas que (res)significam a nossa história, “traduzindo-as” a partir de diferentes pontos de vistas que definem nosso fazer científico, por exemplo. Em especial, ao observarmos o manual em análise, vemos como a sua configuração possibilita pensarmos, também, na história de recepção dos conceitos principais de Saussure do *Curso de Linguística Geral: língua e fala, sincronia e diacronia, sintagma e paradigma, significante e significado*.

A obra que propomos analisar, embora delimite o vasto conjunto de preceitos teóricos do CLG, impõe-se como um acontecimento discursivo que permite a divulgação dos conceitos do mestre de maneira peculiar, coincidindo com esse momento de formação da Linguística nos currículos nacionais de Letras em nosso país. Como acontecimento, esse manual reflete um efeito de sentido didático, o que configura num importante meio de constituição do campo da Linguística em nosso país na época.

## **2 Por um gesto de leitura discursiva no Brasil: *Fundamentos da linguística contemporânea* e o efeito de didatização**

Diante de um conjunto de enunciados, no interior de práticas discursivas, muito pode ser (re)dito, (re)visitado e, principalmente, (re)significado, e, por consequência, transformar os grandes feitos na história, os episódios do passado em acontecimentos que marcam uma época, uma sociedade. Tendo em vista esse pressuposto, o enunciado não se assemelha à frase, ao ato de linguagem ou a uma proposição, ele é produzido por um sujeito inscrito em um determinado lugar institucional, comandado por certas regras sócio-históricas que o definem e possibilitam sua emergência e circulação enquanto enunciado, e interpretado por meio da sua função enunciativa. A essa reflexão de Foucault (2008 [1969]), acrescentaríamos que o enunciado também pode produzir um “efeito de verdade” não em uma única narrativa, mas em várias.

Nesse sentido, pensar os enunciados produzidos pelas diferentes narrativas na sua relação com as práticas discursivas, na perspectiva de Foucault (2008 [1969]), é abandonar o caráter de continuidade na história e tomar a sua descontinuidade, nos moldes de uma “nova História”, a qual permite transformar documentos em monumentos. Desse modo, é possível asseverar que Saussure continua na ordem do dia. Sua doutrina adquiriu extraordinárias repercussões. O *Curso de Linguística Geral*, por sua vez, tornou-se um arcabouço teórico imprescindível à época de sua publicação, produzindo para si um marcante reconhecimento no mundo acadêmico, que hoje o considera como uma das obras mais significativas, se não a mais, para a Linguística moderna.

Com efeito, o Curso foi responsável por efetivamente inaugurar um novo modo de estudar a linguagem, baseado em um modelo científico. Adquiriu a partir de sua publicação o caráter histórico, rompendo com a prática comparatista e instaurando novos paradigmas, “novos” enunciados que puderam ser (re)produzidos e (re)contados por diferentes narrativas; produzindo, enfim, efeitos de sentido diversos. A esses acontecimentos (re)visitados e trazidos para uma nova condição de produção chamamos de *acontecimentos discursivos*. Segundo a perspectiva de Guilhaumou (2009), que inscrito numa “nova história” e, mais especificamente, com

base no pensamento foucaultiano, busca tratar as descontinuidades, as rupturas, as (re)significações e as transformações.

Logo, ao analisar o discurso produzido por cada manual de linguística, considerando suas especificidades editoriais, é possível, de alguma forma, compreender as relações históricas que constituem os dizeres bem como nossas práticas. Direcionamos, assim, nosso olhar para um recorte histórico que pontuou de maneira específica parte da história da leitura da obra de Saussure em solo brasileiro, constituindo, dessa forma, as condições de produção de uma linguística no Brasil, as décadas de 1960 e 1980. Foi justamente esse percurso do processo de institucionalização da disciplina linguística que nos permitiu visualizar os diferentes percursos narrativos sobre a obra saussuriana, permitindo que leituras outras, ou gestos de interpretação, fossem possíveis a partir dessa obra histórica CLG.

Mais especificamente, abordaremos alguns dos pressupostos teóricos apresentados na obra *Fundamentos da linguística contemporânea* (2008 [1976]), de Edward Lopes, que consideramos um acontecimento discursivo que narra diferentemente o CLG como uma forma de divulgação no Brasil. Nesse gesto de leitura, observamos o enunciado em sua singularidade de acontecimento, em sua irrupção histórica, em que se torna singular, pois a cada nova enunciação, a cada narrativa sobre o acontecimento, novos sentidos são criados e estes, por sua vez, têm uma relação direta com outros enunciados já ditos, já (re)visitados e em circulação na sociedade. Enunciados repetíveis, visto que cada narrativa pode retomar outra, criando um efeito de memória.

Devido ao pouco espaço que temos, delimitaremos nossa observação nas noções de *língua* e *fala* “traduzidas” no manual do autor brasileiro Edward Lopes. A obra é bastante representativa para o cenário da linguística brasileira. Ao observar as condições de produção que possibilitaram a irrupção desse material, enquanto acontecimento discursivo, podemos dizer que ele se inscreve num momento em que a corrente estruturalista ganha enorme impacto, nos moldes típicos de uma escola dominante. Seu advento no país se deu após os anos sessenta, ou seja, após a divulgação da linguística de base estruturalista feita por Mattoso Câmara e sua institucionalização. Era preciso, a partir disso, transmitir de maneira mais didática<sup>10</sup> todos os conceitos que adentravam no Brasil, tendo em vista não só os

pesquisadores e estudiosos do campo da linguagem, mas também os estudantes de universidades brasileiras que impulsionavam o desenvolvimento da linguística em solo brasileiro.

A obra se estrutura em seis capítulos, e abrange desde a definição do campo da Linguística, passando pelas contribuições de Saussure, até a Semântica. Cada capítulo é composto por um extensivo conjunto de tópicos que tratam do tema principal. Nosso objetivo é compreender como a leitura dos conceitos de *língua* e *fala* nesse material produz, de certa forma, um efeito de sentidos de didatização. Nesse sentido, Lopes desenvolve, em sua narrativa, um diálogo próximo com as ideias de Saussure. É uma das obras que mais menciona o autor genebrino e seu Curso: desde a primeira página, quando se define a diferença entre Linguística e Semiologia, passando pelo substancial capítulo “As contribuições de Ferdinand de Saussure”, até o último capítulo intitulado “A *semântica*”, no qual se dedica em um primeiro momento à “linha semântica de Saussure”.

No capítulo dois, lugar onde vemos uma maior atenção ao mestre e suas reflexões teóricas, “As contribuições de Ferdinand de Saussure” reúne um conjunto das principais discussões do CLG representadas pelas dicotomias saussurianas. Entretanto, há uma pequena diferença do que se costuma observar em outros manuais: o autor Edward Lopes reorganiza as dicotomias e dá início a suas discussões a partir dos conceitos de sincronia e diacronia. Os conceitos de *língua* e *fala* constituem (ou são) a segunda dicotomia apresentada, seguido das noções de *significante* e *significado*, *sintagma* e *paradigma*.

Logo no início do capítulo, Lopes (2008 [1976]) expõe algumas das principais considerações a respeito da vida pessoal e profissional de Saussure, mencionando as aulas que ele ministrou na Universidade de Genebra e, conseqüentemente, a publicação e produção editorial do que ele chama de “monumental” *Curso de Linguística Geral*. Era, pois, necessário mencionar o lugar da produção de teorias tão caras para o surgimento da Linguística moderna sem, contudo, problematizar a autoria da obra fundante e do seu projeto editorial, por exemplo<sup>11</sup>.

Há uma pequena passagem sobre os anagramas e a influência que o mestre de Genebra exerceu ao distinguir uma linguística interna e uma linguística externa.

Vejamos: “Saussure deixou uma persistente imagem de campeão da separação entre a linguística interna (fora do contexto sócio-histórico) e a linguística externa (a que considera os fatores exteriores que condicionam os fenômenos linguísticos)” (LOPES, 1976, p. 73).

E, por fim, o autor encerra suas considerações afirmando que tais contribuições de F. de Saussure e seu Curso (2012) representam para a linguística uma grande ruptura na maneira de pensar a língua. Nas palavras de Edward Lopes, “são essas ideias [dicotomias propostas pelo CLG e a influência de Saussure] que fundaram a linguística estrutural clássica e, ao mesmo tempo, deram início à fase contemporânea dessa ciência” (LOPES, 2008 [1976], p. 73).

Logo em seguida, vemos a apresentação do conceito de *língua*. Segundo o autor, Saussure “designava o próprio sistema da língua, isto é, o conjunto de todas as regras”, além disso, “a língua constitui um sistema supra-individual, na medida em que ela é definida não por um indivíduo, mas pelo grupo social ao qual esse indivíduo pertence” (LOPES, 2008 [1976], p. 77).

Seguindo seus argumentos, logo encontramos a exposição que o autor faz sobre conceito de *fala* “essa parcela concreta e individual da langue, posta em ação por um falante em cada uma de suas situações comunicativas concretas, Saussure chamou de parole (em português ‘fala’ ou ‘discurso’)” (LOPES, 2008 [1976], p. 77).

Nesse pequeno excerto, destacamos que Lopes alude, em nota de rodapé, à figura de Mattoso Câmara, a respeito da tradução que este fez do conceito de parole (como mensagem na base de um código social que é a língua) por discurso. Tal afirmação reforça ainda mais nossa hipótese: Edward Lopes expõe tais conceitos do CLG inserido numa linguística já instaurada no cenário brasileiro, isto é, ele é um divulgador de seus conceitos sob uma perspectiva didática. Tal organização estrutural de sua obra permite observarmos com clareza que há apenas as principais considerações de uma obra tão polêmica como o CLG, simplificadas pelas dicotomias.

Desse modo, pela maneira como esse manual se constrói, tendo em vista as condições de produção da época, compreendemos que o efeito de sentido produzido é o de didatização por uma necessidade de ensinar as teorias do momento aos alunos e professores das universidades brasileiras. Num momento em

que a Linguística encontra-se já instaurada no Brasil, o autor brasileiro assume a função de transmitir seus conceitos de maneira mais didática e simplificada.

### **Considerações finais**

Diante de toda a discussão sobre o mestre Saussure e de suas contribuições, esse texto não tem a pretensão de decidir, antes, problematizar o processo de recepção das teorias saussurianas em nosso país, em especial tratando das noções de *língua* e *fala* em um manual de linguística brasileiro. Ao fazermos tal investigação epistemológica, não deixamos de lado a compreensão sobre a construção do campo da Linguística no Brasil, época em que os manuais de linguística brasileiros, entre 1940 e 1960, por exemplo, irrompiam com muita força no contexto universitário e faziam parte da história linguística brasileira.

Aventurar-se a estudar a teoria saussuriana e a maneira como ela, hoje, adquire novas ressignificações a partir dos manuais de linguística, por exemplo, equivale a embrenhar-se numa mata densa, achar-se espreito a qualquer tipo de mudança com todos os riscos que podem decorrer dessa aventura narrativa. Muitas discussões, em virtude do espaço, foram deixadas de lado, outras vieram em forma de entremeios, afinal, é preciso tomar-se um ponto de partida e imaginar uma possível conclusão.

Nesse sentido, não é possível negarmos a influência do CLG (2012) no cenário da Linguística. Ele foi responsável por uma mudança na forma de abordar a língua, e tido como um grande acontecimento histórico dessa “ciência piloto” das humanidades. A partir de sua herança – de modo que, seja em falta seja em falha, seja em complemento, seja em reconstituição – o pensamento saussuriano está na base do movimento de constituição da Linguística como ciência, seus axiomas e seus princípios de base (MILNER, 1987). Negar a ele tal função é ao mesmo tempo negar a própria existência da linguística.

Em virtude disso, o percurso de Saussure em obras de divulgação aponta novos caminhos, abre sendas e veredas para novas discussões. É, pois, reproduzir pontos de vistas, narrativas de um acontecimento histórico marcante para o campo que não cessou e, com isso, redesenhar novos acontecimentos discursivos (res)significando-o. Não há como negar, também, as leituras críticas do Curso

(2012) a partir da descoberta dos manuscritos originais e as traduções das edições críticas que surgiram mais fortemente no Brasil a partir do início do século XXI, em que indica que ele ainda guarda “segredos”, possibilita novas interpretações antes muito fechadas e cristalizadas entre si. Nosso objetivo, neste trabalho, foi observarmos as leituras feitas do CLG nos manuais de linguística brasileiros, em especial na obra *Fundamentos da linguística contemporânea*, de Edward Lopes (2008 [1976]) como forma de observar a nossa história, da Linguística brasileira.

Na medida do possível, podemos dizer de que se trata de importantes reflexões para o processo de formalização e desenvolvimento da linguística brasileira, assim como um material essencial para o processo de didatização da teoria saussuriana. Por meio de diferentes gestos de interpretação, os autores falam diferentemente sobre a obra CLG no Brasil, (re)configurando novas significações – narrativas do acontecimento – por meio de novos acontecimentos discursivos. Cada leitura, cada organização contribuiu para a construção de diferentes efeitos de sentido em torno do Curso, considerado, ainda hoje por muitos estudiosos, fonte de incessantes discussões. A obra de Lopes (2008 [1976]), à sua maneira, contribui para o desenvolvimento da linguística e cumpre o papel de didatizar.

Não queremos dizer que tal interpretação/releitura, mobilizada por diferentes acontecimentos discursivos, seja a mais correta, ou que não podemos questioná-la. Todavia, queremos mostrar que a partir dela, por meio de um outro ponto de vista, uma nova instância de discursos se irrompe, cria novas formas de dizer o já dito e escrito e contribui para uma ruptura na história contínua. Tais considerações facilitam – na maioria das vezes – observar Saussure (e sua teorização) com outros olhos, e propor, a partir do que já existe, novas formas de interpretações que compõem este *arquivo saussuriano*.

## **Notas**

\* Marco Antonio Almeida Ruiz é Bacharel, Mestre e Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). É Doutor em Sociologia pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (EHESS) de Paris e pós-doutorando em estudos linguísticos pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP). *E-mail*: marcoalmeidaruiz@gmail.com

\*\* Lígia Mara Boin Menossi de Araújo é Doutora em Linguística pela Universidade Federal

de São Carlos (UFSCar) e Pós-doutora pela Universidade de São Paulo (USP). É editora da Revista Linguagem (UFSCar) e uma das embaixadoras da região sudeste do grupo @parentinscience. E-mail: ligiamenossi@gmail.com

<sup>1</sup> Doravante, vez ou outra, CLG ou Curso.

<sup>2</sup> Em suas reflexões, Pêcheux (2014) promove, de certo modo, um corte epistemológico na obra de Saussure, mais especificamente em torno dos conceitos de “língua” e “fala” trazidos pelo CLG. Segundo o autor, é impossível conceber um sem o outro, destacando o papel da “fala” na produção dos sentidos por meio da sua materialização em discurso, refletindo um sujeito inscrito numa relação com o histórico, o social e o ideológico.

<sup>3</sup> É importante salientarmos o diálogo empreendido por Pêcheux (nos anos oitenta) sobre a fala de Benveniste (promovida nos anos sessenta) após meio século da publicação do CLG. No texto de Benveniste, o autor rebate uma fala de Meillet (feita nos anos vinte) acerca das contribuições de Saussure para a Linguística: “Saussure não havia cumprido seu destino”. Todavia, segundo o contemporâneo do mestre, Benveniste (2005) atribuía ao autor genebrino toda a construção de uma ciência, no sentido de que não havia um só linguista que não lhe devesse algo. Diante de tal cenário, Pêcheux reinscreve tal afirmação de Meillet (apud BENVENISTE, 2005) nas tramas da história em torno dos debates incitados pelas teorias saussurianas. Ademais, o filósofo francês retoma o fato de que Saussure pôs-se a pensar contra seu tempo, cujo objetivo era buscar o *próprio da língua* a partir do corte epistemológico estabelecido responsável pela fundação da ciência linguística (PÊCHEUX, 1982, p. 9).

<sup>4</sup> Influência do modelo estrutural americano.

<sup>5</sup> Advindas, principalmente, dos trabalhos desenvolvidos por Michel de Certeau.

<sup>6</sup> Para tal, é necessário destacarmos que o uso do termo “pós-estruturalismo” na França é um tanto quanto polêmico. Ou seja, os franceses não costumam se utilizar dessa terminologia para ressignificar as teorias surgidas a partir dos anos 1960/70, em que vemos essa “virada linguística” (ou “*tournant linguistique*”) nas ciências humanas e sociais, pelo contrário, essa etiqueta é empregada por pesquisadores externos a esse contexto. Desse modo, segundo Slavoj Žižek (1991), essa etiqueta foi imposta principalmente não apenas no mundo anglo-saxão, na Europa Central, do Sul e do Leste, Ásia do Leste, mas também a encontramos na América Central e na do Sul. O autor russo ainda afirma que “[...] o fato principal, contudo frequentemente negligenciado, é que o termo ‘pós-estruturalismo, por ele mesmo, embora seja responsável por descrever uma corrente francesa, é uma invenção anglo-saxônica e alemã. Esse termo está intrinsecamente ligado à recepção de teorias como de Derrida, Foucault, Deleuze etc., no mundo anglo-saxão – na França, ninguém se utiliza do termo pos-estruturalismo” (ŽIZEK, 1991, p. 142, trad. nossa). Cf: ANGERMULLER (2013).

<sup>7</sup> Thomas Kuhn (1962), filósofo da ciência, ao descrever sobre os paradigmas científicos como um conjunto de regras que regulam as práticas da atividade científica, afirma que há um período de “ciência normal”, em que define como uma atividade de resolução de quebra-cabeças, no qual os cientistas não se preocupam em propor novidades no terreno dos fatos ou da teoria, isto é, trata-se da estabilização de conceitos no paradigma vigente. Todavia, há, segundo o filósofo, períodos de revoluções científicas, de “crises”, tratado por ele como “anomalias”, ou seja, há fatos novos que abalam a estrutura do paradigma vigente, o que promove, por parte dos cientistas, uma observação das “falhas” para que, novamente, volte-se à estabilização do paradigma, ao período de “ciência normal”.

<sup>8</sup> No Brasil, desde meados da década de 1940 circulam um conjunto de manuais de linguística que, além de apresentar as principais concepções teóricas de Saussure no Curso de 1916, promovem uma revisitação de conceitos e de autores na história da

linguística. A maior parte desse material reflete um processo interpretativo que conduz geralmente a uma compreensão simplificada – em especial no caso do CLG – dos principais conceitos saussurianos. É corriqueiro no ambiente acadêmico tratar essas enunciações do CLG nos manuais como um discurso “vulgarizado”, cujo intuito era apenas expor os principais pressupostos teóricos propostos pelo linguista suíço. Tratar o vulgar, nesse ponto de vista, seria abordar um efeito de sentido genérico, que representaria um recorte da narrativa primeira, do Curso, por exemplo, (re)significando-a cujo objetivo era o da divulgação (RUIZ, 2015).

<sup>9</sup> Sobre o acontecimento linguístico, Guilhaumou (2009) afirma que se trata de problemas de gradação do concreto ao abstrato, da norma referencial de língua, da tipificação histórica de sujeitos e objetos cognitivos. Diferentemente, em se tratando de acontecimento discursivo, consideraremos, na perspectiva aberta por Michel Foucault (1969), apenas a simples inscrição do que é dito como elemento atestado do enunciado, [...], saímos do mundo dos nomes e dos referentes para entrar no universo da reflexividade do discurso, dos recursos próprios dos sujeitos da enunciação implicados no acontecimento (GUILHAUMOU, 2009, p. 124). Em relação ao acontecimento discursivo, deixamos “as linhas de segmentações duras” desse *continuum* para entrar num espaço de linhas menos visíveis, que atravessam, de algum modo, blocos de realidade por todo tipo de desvio. Cruzamos, assim, o limiar discursivo: fala-se doravante, em criatividade do agir, em emergência de transformações sem preexistência alguma. O que é determinante no nível do concreto discursivo. A reflexividade da linguagem, isso é, sua capacidade para produzir, ela mesma, seus recursos interpretativos, constitui o próprio do acontecimento discursivo (GUILHAUMOU, 2009, p. 131).

<sup>10</sup> É importante ressaltar que o didatismo não é uma característica própria do manual de Edward Lopes, tal característica também está presente em outros tipos de materiais, sobretudo quando nos referimos ao gênero “manual”. Afirmamos que o efeito de sentido criado na obra de Lopes corrobora para esse didatismo já que a maneira como os conceitos de língua e fala são trazidos permite-nos observar novamente a figura Saussure do CLG (re)significado, isto é, as palavras da obra de 1916 são (re)ditas e (re)significadas de forma mais direta.

<sup>11</sup> Essas problemáticas sobre a autoria irrompem fortemente quando descobrem-se as fontes manuscritas de Saussure ao final da década de cinquenta na Europa. A partir desse “novo” material, procura-se observar as contribuições saussurianas antes “apagadas” pela edição do CLG; Simon Bouquet (2009) afirma que era preciso buscar o “verdadeiro” mestre Saussure, presente nas fontes manuscritas, esquecendo-se de um modelo apócrifo criado pelo Curso de 1916. No Brasil, temos a tradução dos *Escritos de Linguística Geral* (2002), organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, obra que instaura novos rumos para o pensamento saussuriano, mais lacunoso, o que, de fato, não é mencionado pelos manuais de linguística, por exemplo.

## Referências

ANGERMULLER, J. **Le champ de la théorie: essor et déclin du structuralisme en France**. Paris: Hermann Éditeurs, 2013.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

BOUQUET, S. De um pseudo-Saussure aos textos saussurianos originais. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, p. 161-175, 2009. Disponível em:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25475/14127>. Acesso em: 20 out. 2020.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1969].

GUILHAUMOU, J. **Linguística e História: percursos analíticos de acontecimentos discursivos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2009. 250 p.

KUHN, T. S. **Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1962.

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2008 [1976].

MILNER, J. C. **O amor na língua**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

PÊCHEUX, M. A análise de discurso: três épocas (1983). *In*: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. Sur la (dé) construction des théories linguistiques. **DRLAV**, n. 27, p. 1-24, 1982.

POSSENTI, S. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo, SP: Parábola, 2009.

RUIZ, M. A. A. **A recepção do Curso de Linguística Geral nos manuais de linguística brasileiros: um acontecimento discursivo**. 2015. 128 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5801>. Acesso em: 10 out. 2020.

SALUM, I. N. Prefácio à edição brasileira. *In*: SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2012.

SAUSSURE, F. **Escritos de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2002.

ZIZEK, S. **Looking awry: an introduction to Jacques Lacan through Popular Culture**. Cambridge, MA, London: MIT Press, 1991.

Recebido em: outubro de 2019.

Aprovado em: julho de 2020.